

# VÉIO, UM SER(TÃO): RELATO SOBRE UMA VIAGEM SERTANEJA

Fernanda Castello Branco

*Relato sobre breve vivência no sertão de Sergipe, durante viagem de pesquisa para produção de conteúdo para a exposição Véio – a Imaginação da Madeira (que ficou em cartaz de março a maio de 2018 no Itaú Cultural, em São Paulo/SP). O texto tem como tema tanto os vários significados que o sertão pode oferecer a uma pessoa que não é de lá como a relação do artista Véio com o seu local de origem, explicitada no seu trabalho artístico e na sua forma de encarar a vida.*

**Como um homem pode  
ser tão palavra?**

**Como uma palavra pode  
ser tão?**

**T**ão além dos limites do que o dicionário e a língua portuguesa colocam como seus? Dentro da cerca semântica, sertão é “1. região do interior, com povoação escassa e longe dos núcleos urbanos, onde a pecuária se sobrepõe às atividades agrícolas; 2. região de vegetação esparsa e solo arenoso e salitroso, sujeito a secas periódicas; 3. terreno coberto de mato, afastado da costa; 4. o interior do país”.<sup>1</sup>

Tão além do próprio significado, o sertão é um estado de espírito. Uma sensação. Um sentimento. Nascida em uma ilha nordestina e habitando há duas décadas a capital

paulista, maior cidade do Brasil, entendi que é assim que o apreendo. Essa compreensão se deu na ida para Sergipe, em 2017, para colher material a fim de produzir a publicação da exposição *Véio – a Imaginação da Madeira* (que ficou em cartaz de março a maio de 2018 no Itaú Cultural, em São Paulo/SP). Não era minha primeira vez naquela região, mas certamente foi o momento preciso em que comecei a compreender a palavra para além da palavra. Para além da definição linguística.

A fronteira entre os estados de Alagoas e Sergipe já tinha me deslumbrado alguns anos antes. Mas foi ali, naquele novembro de 2017, que conheci o significado que sertão tem hoje para mim. Foi quando também conheci Véio. No seu lugar de origem. Onde ele habita e cria. E talvez tenha sido mesmo o contato com o homem que tenha me feito entender melhor a terra.

Artista sertanejo, nascido Cícero Alves do Santos, em 1947, Véio carrega em si – e em tudo o que faz – o significado de sertão como o lugar onde se preservam costumes e tradições antigos. Ao contrário do que se pensa nas grandes cidades, essa preservação – especialmente em um mundo globalizado – se dá a custo de muita luta. E de pessoas como ele, que não se cansa de se colocar como o guardião de uma memória sertaneja praticamente em extinção. “Pego uma coisa que existiu há muito tempo e que está abandonada e resgato essa história e essa memória. Temos muitas coisas no Nordeste que ficaram abandonadas e perdidas”, diz ele, em uma de suas muitas contações de causos.

Suas obras, nascidas de troncos de madeira, recontam histórias e apresentam personagens da região – que ainda sobrevivem pela tradição oral, mas, segundo o criador, convivem com a dificuldade de encontrar ouvintes. “É difícil, hoje em dia, encontrar quem conta histórias. E quem ouve também. Ninguém quer saber do passado. Porque está todo mundo moderno, querem falar é da novela, é de política, é de quem carrega mala de dinheiro”, garante.

De palitos de fósforo a grandes troncos, Véio cria nas dimensões mais variadas de madeira. Apesar de garantir que prefere as obras minúsculas, fala com orgulho de todas as criações e para todas também tem uma história. As peças grandes têm como característica, além das cores (em geral, azul, vermelho, branco e verde), a presença do “V”, inicial do apelido e nome artístico, que aparece talhado na madeira ou, algumas vezes, já nas formas naturais da matéria-prima.

Quando se coloca no mundo como guardião da memória, Véio vai do propósito à prática não apenas em seu trabalho artístico. Nas dependências de sua casa, em Feira Nova, perto de Nossa Senhora da Glória (SE), onde nasceu, ele construiu casinhas temáticas que abrigam o que chama de Museu do Sertão. Ali é possível ver a casa da farinha, a casa sertaneja, a casa do ferreiro, uma pequena igreja com noivos e presépio. Sem ajuda de nenhuma pessoa ou instituição, ele guarda e preserva inúmeros objetos que recontam a história do povo sertanejo desde o começo do século XX. “Tudo o que guardei fala da história, da vida, da linguagem, dos costumes e da tradição”, diz.

**E esse tudo é mesmo vasto.**

**Véio aprecia o muito.  
Véio é tão.**

A coleção imensa é formada por inúmeros objetos: desde as ferramentas de vários ofícios, passando por brinquedos artesanais, até chegar a aparelhos eletrônicos do começo dos anos 2000, como os mais antigos modelos de telefones celulares, máquinas de escrever, além de maquetes e documentos históricos da cidade de Nossa Senhora da Glória. Entre outras coisas. Muitas coisas. Quem chega ao quilômetro 8 da BR 206, no sítio que está sempre com a porteira aberta, se der sorte, é recebido pelo próprio Véio, que faz questão de guiar o visitante nessa viagem ao passado por meio de tantos objetos. A cada história que conta – e elas se repetem com uma fidelidade detalhista aos fatos –, o artista faz questão de explicar que está falando de um tempo realmente muito antigo.

**Tudo. Muito. Tão.  
Sertão.**

**E como uma palavra  
pode ser tão?**

**Como um homem pode  
ser tão palavra?**

Nesse amontoado de coisas colecionadas por Véio, assim como no imenso mundo que é o seu acervo, com cerca de 17 mil obras (cuja venda é vetada, por uma decisão do artista), o sertão vive e sobrevive. Entrar nessas pequeninas casas que abrigam tantas peças, especialmente ouvindo a sua narrativa para cada uma delas, é se conectar com a terra tanto quanto pisar o chão ou espiar o luar; aquele ao qual, segundo Luiz Gonzaga, não existe igual.

Tanta informação e eu sentia muita necessidade de guardar isso em algum lugar. Um caderninho de anotações estava sempre a postos e, vez por outra, também recorria ao gravador de voz do celular. Ainda lá, já tinha entendido: registrar era bom, até pela natureza do trabalho, mas o sertão era (e é) dentro. O sertão é dentro e, uma vez apreendido, ele permanece.


## **A mata**

Além de toda a imensidão do sertão de Véio, ainda há a mata. Localizado perto da sua casa, no povoado de Umbuzeiro, município de Feira Nova, esse pedaço de chão foi comprado por ele e serve sobretudo como um refúgio. A natureza é sua “parceira”, como ele faz questão de ressaltar, mas

engana-se quem pensa que de lá ele retira material para criar obras. Seu pedaço de mata foi comprado também para preservar.

“Isto aqui foi um investimento que eu fiz, com retorno cultural, mas não com retorno financeiro. Tem muita gente que gosta de caçar à noite, mas aqui não entra. Quem é que vai entrar de noite aqui, no escuro? Todos os dias eu estou aqui. Aqui eu venho ver se alguém mexeu, olhar uma árvore, olhar uma coisa... se aconteceu alguma coisa diferente. Ou eu venho só para curtir mesmo”, conta.

Sentado no centro da mata, sob a sombra das árvores, Véio gosta de falar do que mais sabe. Das coisas que via na infância, das coisas que ainda consegue observar como preservadas. Ali, onde só se ouve canto de alguns pássaros, ele se transfigura no próprio sertão. Ensimesmado, quieto, parece falar pouco, mas, de repente, começa a contar inúmeras histórias. Mais que um sertanejo, é o sertão. Ensimesmado e cheio de significados. “Até hoje sou uma pessoa que, se me contam um segredo, não conto a ninguém. Não tem quem me arranque um segredo. Tenho essa forma de pensamento e de vida. E gosto de estar sozinho na mata. Muita gente acha que é loucura”, explica.

Podem achar que é loucura, mas Véio não dá a mínima importância. Podem achar que é loucura, mas Véio segue ritualístico na sua missão de manter viva a memória da sua região e do seu povo. Como escreveu Euclides da Cunha, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”<sup>2</sup> e “a natureza toda protege o sertanejo”.<sup>3</sup> 



## Fernanda Castello Branco

Nasceu em São Luís (MA), mora em São Paulo desde 1999, é jornalista e trabalha como editora de conteúdo no Itaú Cultural. Esteve à frente da edição de conteúdo de diversas publicações do instituto, como da *Ocupação Conceição Evaristo* e da exposição *Véio – a Imaginação da Madeira*, o que lhe rendeu a relatada viagem ao sertão de Sergipe.

---



## Notas

- 1 Dicionário *Michaelis*.
- 2 Trecho retirado de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
- 3 *Ibidem*.